

## Narrativas de resistência no mundo do trabalho: um estudo psicossocial em andamento sobre as origens da Economia Solidária brasileira

Cris Fernández Andrada<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Brasil / FAPESP

**Resumo.** Estudo pós-doutoral em andamento, objetiva compreender as origens da Economia Solidária brasileira a partir da perspectiva de trabalhadores/as pioneiros. Adota a história oral e os estudos psicossociais sobre memória social como referenciais teórico-metodológicos. Como resultados, pretende produzir e analisar um conjunto de narrativas sobre a fundação do movimento social em questão. Para tanto, realizamos dez entrevistas prolongadas, semiabertas, com trabalhadores indicados por organizações de representação do movimento, selecionados por meio de critérios qualitativos de representatividade (de modo a contemplar diferentes regiões geográficas e setores da economia). As entrevistas encontram-se em fase final de edição e devem ser analisadas de acordo com o marco teórico adotado, qual seja, os estudos sociológicos e filosóficos da vida cotidiana. De modo geral, espera-se contribuir para a compreensão das circunstâncias que orientaram os trabalhadores da Economia Solidária brasileira a organizá-la, como também para o registro da memória social do movimento.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Memória Social; Resistência; Trabalho; Economia Solidária

### Resistance narratives in the world of work: an ongoing psychosocial study on the origins of the Brazilian Solidarity Economy

**Abstract.** A postdoctoral study in progress, aims to understand the origins of the Brazilian Solidarity Economy from the perspective of pioneer workers, adopting as a theoretical-methodological reference the oral history and the psychosocial studies on social memory. As results, we intend to produce and analyse a set of narratives about the foundation of this social movement. For that, we conducted ten interviews, prolonged and semi-open, with workers selected through qualitative criteria of representativeness, based on the indications of collectives and national organizations that represent the movement. The interviews are in a final phase of editing and should be analysed according to the theoretical framework adopted, that is, the sociological and philosophical studies of everyday life, typical of the comprehensive modalities. We hope to contribute to the understanding of the circumstances that guided the workers of the Brazilian Solidarity Economy to organize it, and also to record the memory of this important social movement of resistance.

**Keywords:** Social Psychology; Social Memory; Resistance; Work; Solidarity Economy

*Os maiores desafios que eu vejo vêm de que nós não somos regra, nós somos exceção.  
E ser exceção é ter que enfrentar um mundo de coisas contrárias.*

José Ribeiro (Coopertêxtil – Rede Justa Trama)

## 1. Introdução

A pesquisa configura-se como um estudo pós-doutoral de Psicologia Social do Trabalho (Sato, 2009) cujo objetivo geral é compreender as origens históricas da Economia Solidária brasileira a partir da perspectiva de trabalhadoras e trabalhadores pioneiros. Como resultados, propõe reunir e analisar um conjunto de narrativas sobre a fundação desse movimento social. De modo geral, espera-se contribuir para a compreensão das circunstâncias que orientaram os trabalhadores/as da Economia Solidária a organizá-la, como também para o registro da memória social do movimento e deste momento histórico da classe trabalhadora brasileira. Neste texto, daremos ênfase à apresentação da proposta e

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Desenvolve estudo pós-doutoral na instituição, sob supervisão da Profa. Dra. Leny Sato, e apoio FAPESP (Processo 2014/50801-2). [andrada@usp.br](mailto:andrada@usp.br)

das etapas de campo da pesquisa (levantamento de dados), uma vez que o estudo encontra-se em andamento. Fruto das mazelas do mundo do trabalho, como a Crise do Emprego dos anos noventa (Pochmann, 2001; Singer, 2002), a Economia Solidária brasileira viveu notável expansão nos últimos anos, em dimensões, dilemas e complexidades, como apontam diversos estudos (Bertucci, 2010; Cunha, 2012; Gaiger, 2014). A necessidade de gerar trabalho e renda por meio de um paradigma econômico anti-hegemônico, numa sociedade capitalista, exigiu de seus trabalhadores/as a arquitetura de ações políticas e econômicas complexas, como a construção de novas formas de produzir e de comercializar, de obter crédito, de gerir processos de trabalho, de ocupar fóruns públicos ou de reivindicar políticas públicas para o setor. O ânimo que imprimem nestas ações é resistente e as dificuldades são imensas. Mas, em suma, é possível afirmar que a Economia Solidária brasileira atualmente configura-se como um importante movimento de resistência no mundo do trabalho, fruto de suas crises e contradições, embora complexo, diverso, heterogêneo e de difícil apreensão (Leite, 2009; Souza, 2011). Pode-se dizer ainda que o movimento articula e reúne experiências de trabalho e de vida social diversas, que comungam de uma racionalidade comum, pautada não apenas por princípios econômicos, mas também por valores e preocupações de ordem social, política e comunitária, como confirmamos em estudos anteriores (Andrada, 2009; Andrada & Sato, 2014). Pouco mais de dez anos do início de seu processo de institucionalização, não apenas é possível, como faz-se necessário ouvir detidamente seus pioneiros e com eles construir narrativas que possam auxiliar a compreender mais e melhor a gênese do movimento e as circunstâncias históricas de sua articulação (Singer 2011)<sup>2</sup>. Nesse tocante, é inegável a contribuição que a Psicologia Social pode aportar, uma vez que suas práticas e saberes desenvolveram-se justamente por meio da escuta larga, acurada e sistemática de pessoas em situação de relativa invisibilidade social. Sabe-se também o quanto a área tem contribuído para o resgate da memória social de populações historicamente pouco consideradas pela historiografia tradicional (Bosi, 1994/2003). Neste sentido, caracterizamos o problema propriamente, tratado pelo estudo, como a demanda por compreender melhor a gênese do movimento da Economia Solidária, e de situá-lo como um fenômeno histórico da classe trabalhadora brasileira.

## 2. Marcos teórico e teórico-metodológico

Em linhas gerais, adotamos como marco teórico da pesquisa as chamadas modalidades compreensivas (Minayo, 2007), como os estudos sociológicos e filosóficos da vida cotidiana (Martins, 2000/2011; Heller, 2008). Esta abordagem apoia-se numa concepção dialética de História, que não apenas considera a subjetividade e cotidianidade como dimensões relevantes da vida social, como as situa no centro do processo histórico, junto das dimensões materiais e objetivas da reprodução social. Sem dúvida, trata-se de uma premissa cara para este estudo, por permitir ouvir de modo acurado os trabalhadores da Economia Solidária, mulheres e homens que em um só tempo sofrem e constroem o mundo em que vivem, todos os dias.

---

2 Em junho de 2016, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) completaram treze anos de existências imbricadas. Trata-se de espaços políticos estratégicos, que têm atuado de modo articulado. De um lado, a SENAES significa a conquista de um lugar no poder público nacional (ainda que limitado), com vistas à proposição e implementação de políticas públicas de fomento para a área. De outro, o FBES representa o engajamento articulado e crescente do movimento de trabalhadores num fórum público e diverso, também presente no interior do país (nos âmbitos estadual, regional e municipal) (Cunha, 2012). Conforme a SENAES, “o Fórum Brasileiro de Economia Solidária está organizado em mais de 160 Fóruns Municipais, Microrregionais e Estaduais, envolvendo diretamente mais de 3.000 empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária”. Disponível em [http://www.fbes.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=61&Itemid=57](http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=57) [acesso em 30/01/2017].

Como referencial teórico-metodológico recorreremos, pois, à história oral e aos estudos psicossociais sobre memória social, tomando por referência os trabalhos de Ecléa Bosi (1994; 2003) e de Maria Luísa Sandoval Schmidt (1994), que tão bem leem as ideias de Henri Bergson, Maurice Halwachs e Walter Benjamin a respeito de memória coletiva. Em resumo, essas autoras nos ensinam, por caminhos sutilmente distintos, que toda memória é trabalho, ou seja, processo vivido, e obra num só tempo individual e social (Bosi, 1994):

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] Halwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. (p. 55)

A concepção de pesquisa no cotidiano como relação social também é uma premissa metodológica relevante, como o foi em outros trabalhos (Andrada, 2009; 2010; Andrada & Sato, 2014). Neste sentido, adotamos como referências os trabalhos psicossociais de Leny Sato e Marilene Proença de Souza (2001), Mary Jane Spink (2007) e Peter Spink (2008). Elas e eles recuperam a compreensão dos trabalhos de campo em pesquisas de Psicologia Social como uma prática de conversa e de debate, a partir de uma inserção horizontal e eticamente responsável do pesquisador no cotidiano das situações de pesquisa (Spink, 2008).

## 2.1. Técnicas e procedimentos

Em termos procedimentais, temos desenvolvido as etapas descritas a seguir. Após um ano e meio de pesquisa, é possível afirmar que os objetivos colocados vêm sendo rigorosamente cumpridos, em consonância com o previsto no cronograma original da pesquisa. Vale dizer que a escolha dos trabalhadores/as entrevistados seguiu critérios qualitativos de representatividade, de modo a contemplar, ao menos em parte, o desafio concernente à complexidade e à diversidade do campo da Economia Solidária brasileira, conforme descrito. Desta forma, consideramos importante entrevistar pessoas de diferentes regiões geográficas e de distintos setores da economia, como agricultura (setor primário), indústria (setor secundário) e prestação de serviços (setor terciário), por exemplo.

Como etapas da pesquisa, seguiu-se o seguinte:

1. Revisão Bibliográfica (em desenvolvimento): de início e de modo transversal, debruçamo-nos sobre o campo social e conceitual da pesquisa, recorrendo especificamente a leituras e investigações históricas, sociológicas e psicossociais sobre movimentos de resistência no mundo do trabalho numa perspectiva autogestionária;
2. Prospecção do Campo, com três etapas nitidamente marcadas (concluída):
  - a) promover ou atualizar contatos com organizações nacionais de representação do movimento, e com algumas de suas reconhecidas lideranças, para apresentar a pesquisa e solicitar indicações de possíveis entrevistadas/os;
  - b) por meio de pesquisa documental em bases diversas (jornais, livros, artigos e teses sobre o campo-tema), colher outros elementos que possibilitem eleger as pessoas a serem entrevistadas, a partir das indicações feitas pelas organizações, e conforme os critérios estabelecidos, alusivos principalmente à diversidade quanto ao setor econômico e região geográfica em que se encontram;
  - c) acordar os termos da pesquisa com os/as trabalhadores/as, especialmente quanto aos cuidados éticos a serem tomados em todo o seu desenvolvimento, em consonância com a legislação vigente (Res. N. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP);
3. Submissão do Projeto para avaliação pelo CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (concluída);

4. Realização das entrevistas (concluída), seguindo um roteiro amplo, previamente elaborado com base nos objetivos da pesquisa e em consonância com a revisão bibliográfica. Destaca-se que os áudios das entrevistas foram gravados e posteriormente transcritos a texto. Em seguida, foram revistos e editados, com a anuência dos (as) entrevistados (as), que receberão uma cópia do material para revisão. Os arquivos das entrevistas (áudios e textos) seguirão armazenados sob sigilo, em computador de uso pessoal da pesquisadora, ao qual apenas ela tem acesso;

5. Análise Qualitativa (em desenvolvimento): a partir da sistematização das entrevistas, apoiada na revisão bibliográfica, pretende-se realizar uma análise qualitativa, com base nos referenciais apontados, de forma a privilegiar a visibilidade das falas e interpretações dos próprios trabalhadores/as a respeito das circunstâncias que originaram a Economia Solidária. Por fim,

6. Confecção dos Textos Finais (relatório final e artigo sobre a pesquisa) (por realizar).

Com efeito, a partir do trabalho de prospecção de campo, foi possível realizar mais entrevistas do que o previsto inicialmente. E em cada uma delas, colher abundante e rico material. Ao todo, fizemos nove entrevistas prolongadas, com trabalhadoras/es de diferentes setores econômicos e regiões geográficas do país, totalizando mais de 16 (dezesesseis) horas de áudio, já transcritas, em cerca de 500 (quinhentas) páginas de texto inicial, ou seja, prévio às primeiras edições. E, além da dimensão quantitativa, reconhecemos a mesma exuberância no plano qualitativo dos resultados do estudo. Em uma primeira análise, vimos emergir novos elementos e vias transversais de significação e leitura das entrevistas, que trataremos de examinar detidamente.

### 3. Desafios metodológicos

Por se tratar de uma pesquisa em franco desenvolvimento, não será possível apresentar e discutir achados à guisa de conclusões. Propomos, entretanto, referir os principais desafios metodológicos, bem como debater sua proposição geral e o processo de seu desenvolvimento. Um primeiro desafio do campo, elementar neste estudo: *como localizar e eleger as pessoas a entrevistar?* Isto exigiu uma ampla Prospecção do Campo de modo a obter informações precisas e atuais das organizações que iríamos contatar. O fato de dispor de uma rede de contatos no campo, fruto de uma longa atuação como pesquisadora e profissional na Economia Solidária, permitiu reestabelecer facilmente relações com instituições ligadas ao movimento. De modo geral, a receptividade ao Projeto foi excelente e excedeu as expectativas. O fato de conhecermos parte deles de experiências anteriores de pesquisa e intervenção no campo e de contactá-los por intermédio de representantes nacionais do movimento foram aspectos facilitadores. Neste sentido, foi possível realizar mais entrevistas do que prevíamos inicialmente. No plano qualitativo elas também surpreenderam, já que conseguimos alcançar leituras e compreensões densas e muito surpreendentes acerca do objeto do estudo, qual seja, a memória de pioneiros da Economia Solidária brasileira sobre seus primeiros momentos históricos. Quanto às entrevistas propriamente, a questão principal foi *como elaborar o Roteiro?* Optamos por construir uma versão ampla e geral, pautada pelos seguintes Eixos Orientadores: a) compreender as circunstâncias do surgimento da Economia Solidária brasileira; b) resgatar as primeiras memórias sobre a organização do movimento (sentidos, desafios, conquistas, marcos significativos). Os eixos aglutinaram questões em torno de quatro grandes temas: História de vida de trabalho (parcial); Memórias do trabalho coletivo; Encontro com a Economia Solidária; e Primeiras memórias sobre o movimento. Antes de cada entrevista, também fizemos um levantamento prévio de informações sobre o contexto e o empreendimento ao qual pertencem os trabalhadores/as. E, a partir delas, sempre que possível, adaptamos o Roteiro para cada caso, modificando, retirando ou acrescentando questões<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Fizemos quatro incursões de campo: Porto Alegre e Serra Gaúcha (RS), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Valente (BA), no sertão baiano. Em todas elas, buscamos ter com os/as entrevistados/as encontros os mais significativos possíveis.

Em geral, buscamos seguir a orientação de Ecléa Bosi (2003), ao tratar as questões de método em pesquisas sobre memória social: “Em termos acadêmicos de técnicas de pesquisa, se combinam bem os procedimentos de história de vida e perguntas exploratórias, desde que deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos de seu passado.” (p. 55). Cabe falar, ainda que brevemente, sobre a experiência das entrevistas. Infelizmente não será possível comentar cada caso individualmente. Mas podemos dizer que em geral trataram-se de encontros sensíveis e muito fecundos. Na maior parte deles vimos crescer em ambos – entrevistado/a e pesquisadora – novos sentidos e aprendizados sobre o campo da Economia Solidária em geral, e sobre o sentido de trabalhar nele naquele caso em particular. E, ao final, emergiu um sentimento de gratidão sincero, como também sugere Ecléa Bosi (2003).

Como planejado, à medida que fazíamos as entrevistas, dávamos encaminhamento às transcrições dos áudios a texto. No conjunto, os depoimentos dos trabalhadores/as geraram cerca de 500 páginas de texto em estado bruto. E, conforme avançamos nos trabalhos de revisão e edição, alcançamos as atuais 290 páginas. Como critério para guiar a revisão das transcrições das entrevistas, adotamos o cuidado ético com as palavras dos entrevistados, *stricto e lato sensu*, para protegê-los daquilo que Bourdieu (1997) chamou de *desvios de sentido*, e que discutimos em profundidade em “A cidadania negada: políticas públicas e formas de viver”, projeto coordenado por Maria Helena Patto (2009) do qual fizemos parte. Esse cuidado vai desde a lide com o discurso do entrevistado propriamente, até a necessidade de preceder cada entrevista de um pequeno texto, capaz de apresentá-la situada em seus contextos histórico, social e político ampliado: “Assim, para entender os motivos que as levam a dizer o que dizem, da forma como o dizem, é preciso situá-las não só na hierarquia social vigente, mas também no momento econômico e político atual.” (Patto, 2009. p. 12)

Especificamente sobre o cuidado com as transcrições das falas dos entrevistados a texto, consideramos valiosas as orientações advindas deste Projeto, que se tornou outra referência teórico-metodológica relevante para a pesquisa. Editamos as transcrições não apenas para torná-las mais adequadas ao registro escrito, mas também de modo a não descaracterizar as falas dos depoentes:

Com o objetivo de facilitar a fluência da leitura e centrar a atenção do leitor no argumento do discurso, corrigimos a concordância e a ortografia, retiramos palavras e expressões repetitivas, de mera função fática, mas mantivemos tudo que conservasse a marca da oralidade e as características do falante. (Patto, 2009, p. 20)

À revisão das transcrições, seguiu-se a edição dos textos das entrevistas. Este processo revelou-se parte importante do processo de análise do material empírico da pesquisa, principalmente se considerarmos que um dos resultados esperados é a construção das chamadas narrativas (Bosi, 1994; Patto, 2009). A edição das entrevistas tem significado um verdadeiro processo de decantação, somente passível de realizar em sucessivas fases de filtragem e repouso dos textos. Foi preciso empreender uma seleção de seus conteúdos, de forma a retirar excessos, desvios e repetições e, assim, dar mais visibilidade às falas diretamente relacionadas com os objetivos do estudo. Neste procedimento, notamos que, de fato, parecia haver conteúdos de distintas densidades dentro de uma mesma entrevista, o que conferiu ainda mais sentido à metáfora da análise como processo físico da decantação

#### 4. Referências

- Andrada, C. F. & Sato, L. (2014) Trabalho e política no cotidiano da autogestão: a rede Justa Trama. *Psicologia & Sociedade*, 26 (n.spe.), 3-13.
- Andrada, C. F. (2010) Etnografias em Psicologia Social: notas sobre uma aproximação fecunda. *Ponto.Urbe* (NAU-USP – Núcleo de Antropologia Urbana), 7(1), 129.

- Andrada, C. F. (2009) *O encontro da política com o trabalho: um estudo psicossocial sobre a autogestão das trabalhadoras da Univens*. Porto Alegre: ABRAPSO SUL.
- Bertucci, J. de O. (2010) *A Produção de sentido e a construção social da Economia Solidária*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.
- Bourdieu, P. (1997) *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Cunha, G. C. (2012). *Outras políticas para outras economias: contextos e redes na construção das ações do governo federal voltadas à economia solidária (2003-2010)*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.
- Gaiger, L. I. (2014) Conhecer globalmente: um desafio inadiável dos estudos sobre a Economia Solidária. *Otra Economía*, 8 (14): 99-111, enero-junio.
- Heller, A. (2008). *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra.
- Leite, M. de P. (2009). A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(69), 31-51.
- Martins, J. S. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec.
- Martins, J. S. (2011). *Uma Arqueologia da Memória Social: Autobiografia de um Moleque de Fábrica*. Cotia/SP: Ateliê Editorial
- Minayo, M. C. de S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Patto, M. H. S. (2009). (Org). Para ler as entrevistas. *A Cidadania Negada: políticas públicas e formas de viver*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 11-22.
- Pochmann, M. (2001). *O emprego na globalização: a nova divisão do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo
- Santos, B. S. (2002). *Produzir para viver: os caminhos da produção não-capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sato, L. (2009). Trabalho: sofrer? Construir-se? Resistir? *Psicologia em Revista*, 15(3), 189-199.
- Sato, L. & Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), 29-47.
- Schmidt, M. L. S (1994). Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4 (1/2), 285-298.
- Singer, P. (2002). *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Singer, P. (2011) A Economia Solidária no Governo Federal. In Benini, E.; Faria, M. S.; Novaes, H. T. & Dagnino, R. (Orgs.) *Gestão Pública e Trabalho Associado: fundamentos e perspectivas*, 407-412. São Paulo: Outras Expressões.
- Souza, A. R. (2011). Um exame da economia solidária. *Otra Economía*, 5(9), 173-184.
- Spink, M. J. P. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 07-14.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20 (n.spe.), 70-77.